

DE “FADINHA” A ADULTA: REFLEXÕES SOBRE O CRESCIMENTO MUDIATIZADO DA SKATISTA RAYSSA LEAL

*FROM “FADINHA” TO ADULT: REFLECTIONS ON THE
MEDIATIZED GROWTH OF SKATER RAYSSA LEAL*

MONIQUE DE SOUZA SANT’ANNA FOGLIATTO¹

RESUMO

Em pouco tempo, o cenário de invisibilidade e estigmatização feminina no skate competitivo se converteu em prosperidade e reconhecimento. Ao completar 16 anos em 2024, a brasileira Rayssa Leal passou a ser sinônimo desta nova fase, percorrendo uma trajetória de sucesso que alçou visibilidade à atleta maranhense, ao mesmo tempo em que teve seu crescimento midiático. Para demarcar o ciclo olímpico 2021-2024, elegemos duas matérias, dos portais Globo.com e Uol Esporte, publicadas, respectivamente, ao final da edição olímpica de cada ano, sob a ótica da Análise de Discurso de linha francesa. O recorte é significativo pois data do período em que a atleta passou a enfrentar também a transição infância-adolescência em um momento significativo de sua carreira: a conquista de duas medalhas olímpicas consecutivas e inéditas nos Jogos Olímpicos de Tóquio e de Paris. No decorrer da análise, a escolha discursiva pela humanização da atleta chama a atenção, principalmente por meio do recurso de atribuição de voz, mas sem deixar de lado uma construção discursiva eufórica e “fantástica” ainda recorrendo à imagem da fada associada à trajetória profissional de Rayssa.

Palavras-chave: Rayssa Leal; Crescimento Midiático; Skate; Ídolo Esportivo; Humanização

ABSTRACT

In a short space of time, the scenario of female invisibility and stigmatization in competitive skateboarding turned into prosperity and recognition. On her 16th birthday in 2024, Brazilian Rayssa Leal became synonymous with this new phase, following a successful path that raised the profile of the athlete from the state of Maranhão, while at the same time making her growth more visible in the media. To mark the 2021-2024 Olympic cycle, we chose two articles from the Globo.com and Uol Esporte websites, published respectively at the end of each year’s Olympic edition, from the perspective of French Discourse Analysis. The selection is significant because it dates from the period in which the athlete also faced the childhood-adolescence transition at a significant moment in her career: winning two consecutive and unprecedented Olympic medals at the Tokyo and Paris Olympic Games. Throughout the analysis, the discursive choice to humanize the athlete draws attention, mainly through the use of voice attribution, but without neglecting a euphoric and “fantastic” discursive construction, still using the image of the fairy associated with Rayssa’s professional career.

Keywords: Rayssa Leal; Media Growth; Skateboarding; Sports Idol; Humanization

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Campus de Bauru), mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Unesp-Campus de Bauru (2021), bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT- Campus de Cuiabá) (2018). E-mail: moniquefogliatto@gmail.com

Introdução

É inegável que, desde a sua introdução no rol de modalidades olímpicas nos Jogos de Tóquio (2020), o skate passou a viver um novo momento de visibilidade e popularidade midiática. Nativo marginalizado ainda na década de 1960, o “surfinho” (Brandão, 2012), como era chamado, ganhou as piscinas vazias de bordas arredondadas da Califórnia (EUA), em um processo adaptativo do surfe. Utilizando-se de equipamentos urbanos para manobras, e lançando mão de um estilo próprio de vida, vestimenta e comportamento, o skate foi tomado como produto cultural, incorporando a temática nos mais variados produtos exportados pelos EUA. Não demorou até que os solos de cidades brasileiras fossem invadidos pelas pranchas do asfalto, em um cenário repressivo e de cerceamento de liberdade vigentes nos “anos de chumbo” da ditadura civil-militar brasileira.

Composto majoritariamente por jovens, e homens, os skatistas passaram a resistir, incorporando os estigmas e marginalizações relacionados ao desvio (Becker, 2008). Estes, ativos no processo revolucionário em curso a partir dos anos 1960, foram fundamentais no processo de esportivização da prática, que alcançou seu auge ainda na década de 1980. Muitos são os relatos a respeito da gênese da prática, mas aqui olharemos para o protagonismo feminino alcançado na contemporaneidade, sobretudo em solo brasileiro, diante de figuras relevantes como a skatista brasileira Rayssa Leal, que elegemos como personagem de análise e que terá sua trajetória esportiva esmiuçada. Em 2015, a menina de 7 anos, vestida como uma fada de contos infantis, executava um heelflip, manobra considerada complexa para a pouca idade. A ação, que foi gravada em vídeo pela própria mãe de Rayssa, acabou viralizando e, consequentemente, voltando os holofotes midiáticos para a “Fadinha do skate”, apelido que acompanha a atleta desde a sua infância.

Mulher, jovem, nordestina e atleta de alto rendimento, Rayssa é metonímia de uma juventude bem-sucedida e espelho para uma geração. Os feitos nas pistas demonstram tamanho protagonismo: um sem número de campeonatos nacionais, o bicampeonato na Street League Skateboarding (SLS) nos anos de 2022 e 2023, vice-campeonato em 2019, o bicampeonato no X Games, considerados os Jogos Olímpicos dos esportes radicais e, mais recentemente, a conquista de duas medalhas, de prata e bronze, em duas edições olímpicas consecutivas, Tóquio (2020) e Paris (2024). No auge dos seus 16 anos, Rayssa vê a passagem da infância para a adolescência diante das câmeras, vendo crescer a expectativa para a continuidade da trajetória vitoriosa que, por vezes, parece ofuscar o processo natural conturbado.

Neste artigo, buscaremos compreender as representações construídas sobre a skatista brasileira Rayssa Leal em portais de notícias brasileiros, durante o período compreendido entre janeiro de 2021 e setembro de 2024, justificado pela ocorrência do primeiro ciclo do skate enquanto modalidade olímpica. Além disso, o critério de seleção também passa pelas matérias que, em certa medida, fogem da construção eufórica que aproxima a atleta de ídolos e mitos esportivos, compondo o corpus aquelas que se propõem a, de alguma forma, humanizar a sua figura.

No final do processo, foram selecionadas duas matérias, publicadas, respectivamente, em agosto de 2021 e julho de 2024, momentos posteriores às conquistas das duas medalhas em edições olímpicas consecutivas. A primeira delas, intitulada “Rayssa Leal confessa que preferia não ser chamada de Fadinha”, foi publicada em 15 de agosto de 2021, pouco tempo após a conquista da prata inédita em Tóquio, em 26 de julho. A matéria, composta de trechos da participação

da atleta no programa *Altas Horas*, da TV Globo, é produzida dias após a conquista da prata olímpica inédita, com utilização de vídeos que exploram com mais profundidade as temáticas desenvolvidas no decorrer da apresentação do programa.

Elegemos, ainda, a matéria "Tchau, Fadinha. Oi, Rayssa", de autoria de Thiago Arantes, publicada no portal UOL esporte. Publicada em 28 de julho de 2024, mesmo dia da conquista do bronze na edição olímpica de Paris, a matéria se propõe a refletir sobre o primeiro ciclo olímpico do skate sob a ótica de Rayssa Leal. Nele, a conquista de duas medalhas consecutivas, aos treze e dezesseis anos, é posta em segundo plano, com o intuito de evidenciar o momento de transição, etária e profissional, vivenciado por Rayssa Leal ao longo de três anos, diante do ciclo encurtado devido à pandemia de covid-19.

Crescer diante das câmeras: a construção da celebridade e o crescimento midiático

Quais são as justificativas para tornar uma pessoa famosa? O presente questionamento é de suma importância, sobretudo quando intentamos tecer reflexões a respeito da visibilidade midiática conferida a personalidades nos dias de hoje. Mas este não é um fenômeno contemporâneo, resultado da junção entre sociedade do espetáculo, culturas de massa e midiaticização. A construção de celebridades, ou, em linhas gerais, de referências nos mais variados âmbitos da vida social, passa, inevitavelmente, pelo processo de dissolução da fronteira entre a vida privada e a pública.

A construção de ídolos e celebridades, em tempos históricos, estava intimamente relacionada à posição social devida pelo indivíduo e, sobretudo, por um suposto "fazer crer" que envolvia os processos de construção de representações. Não à toa, multiplicaram-se e perpetuaram-se as fontes que traziam personalidades históricas em cenas heroicas construídas, essencialmente, reconhecidos pela "notoriedade a suas façanhas, seus talentos e suas obras" (Lilti, 2018, p.14),

Se, em tempos históricos, a fabricação de ídolos e celebridades se relacionava à posição social ocupada pelo indivíduo, por meio da construção de representações (Lilti, 2018), atualmente estas se dão pelo processo de midiaticização (Braga, 2018), sustentada pelos processos simbólicos e interacionais que envolvem a relação entre os sujeitos, as tecnologias e seus usos (Martino, 2019).

Embora seu surgimento dependa de um contexto específico, é possível dizer que "celebridades são fabricações culturais" (Rojek, 2018, p.12) que levam em conta um jogo de valores. É Chris Rojek (2018) quem traz à luz possibilidades de origens para as celebridades. Longe de excludentes, estas são imbricadas, sobretudo em um contexto midiático que evoca a existência da celebridade "per se, não sendo apenas uma extensão da mídia (...) são ex-denominadas, ocultadas, permitindo sua naturalização na esfera cultural e social" (Torres, 2014, p.75). Para além do tripé organizador do conceito, a saber, lugar-performance-exposição midiática, somam-se a eles outro importante, o carisma, assumindo um papel impulsionador. Inerente a quem o possui, e com potencial de efemeridade, o carisma seria a essência capaz de mobilizar uma devoção afetiva em um público potencial, acarretando reconhecimento e glorificação (Simões, 2014).

E como estas discussões, inevitavelmente, atravessam a personagem central deste artigo, a skatista maranhense Rayssa Leal? Possuidora de uma carreira sólida e próspera, Rayssa cresce diante das câmeras, cativando o público aos sete anos quando, vestida de fada, viraliza nas redes sociais através de um vídeo em que realiza uma manobra considerada complexa para a pouca idade. Este, sem dúvida, marca o nascimento midiático da atleta, que conquistava espaço e construía uma relação próxima com um potencial público espectador.

O reconhecimento de skatistas pioneiros como o estadunidense Tony Hawk e o brasileiro Bob Burnquist seriam elementos propulsores da visibilidade midiática atribuída à maranhense, apresentada ao público ainda em 2015 no programa jornalístico esportivo dominical *Esporte Espetacular*, da TV Globo. A “Fadinha do skate”, apelido que carregou durante os nove anos de carreira, se tornou Rayssa Leal, trazendo consigo todas as questões que envolvem o crescimento midiático, que por vezes deixa em segundo plano as questões naturais da transição entre infância e adolescência.

Mas, afinal, no que consiste a juventude? E em que instâncias isto nos ajuda a compreender a importância de Rayssa Leal no processo de resignificação conceitual do termo, sobretudo em um contexto contemporâneo de midiaticização? Marcadamente sociológico, o conceito surge em fins do século XIX, demarcando um território de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizado pela experimentação e amadurecimento da identidade (Groppo, 2017). De portadores da esperança (Melucci, 1997) a indivíduos protagonistas nos processos revolucionários que marcariam o século XX, muitas foram as interpretações postas sobre o conceito de juventude no decorrer do tempo.

É neste momento que as teorias sobre juventude e celebridade se atravessam. Olhar para a carreira da skatista Rayssa Leal é vislumbrar a permanência de uma visibilidade midiática construída discursivamente em torno de uma circunstância bastante singular, muito devido à pouca idade e notória habilidade sobre o skate. É fato que a fama atribuída (Rojek, 2018; França, 2014) está alicerçada em um saber-fazer, reforçado por valores como carisma e juventude, tem como elemento potencializador o discurso midiático, entendido como um espaço de circulação e produção de sentidos (Benetti, 2007).

Sob quem colocar os holofotes: procedimentos teórico-metodológicos

Juntos, linguagem, ideologia e sujeito formam o tripé que fundamentam a Análise de Discurso de linha francesa, que aqui usamos como metodologia de pesquisa. Para muito além dos procedimentos técnicos que transformam a língua em linguagem por meio da ação dos sujeitos, opta-se por entender a situação comunicativa. Neste processo, a apropriação da língua pelos sujeitos, e sua transformação em linguagem, só é possível porque olhamos para as subjetividades dos sujeitos e para as formas pelas quais estes se apropriam da mesma, transformando-a em discurso. Assim, podemos compreender que o viés discursivo envolve um processo de “(...) efeito de sentido construído no processo de interlocução” (Brandão, 2012, p.106).

Neste processo, a A.D. propõe a olhar para o sujeito – agente, significativo e munido de identidades múltiplas – e as formas pelas quais estes se apropriam da língua, transformam-na em linguagem e projetam discursos a depender da posição que ocupam na cena enunciativa

(Orlandi, 2012; Brandão, 2012). É sob a perspectiva comunicacional, e entendendo o discurso como algo mais complexo – resultado de uma série de elementos implícitos e explícitos – que olharemos para este como um produto essencialmente cultural, situacional e subjetivo.

É Michel Pechêux (1988) quem desdobra estes elementos que se colocam no plano de fundo do discurso, sobretudo no âmbito das Formações Discursivas e Ideológicas (FDs e FIs respectivamente). De um lado, a F.I. atesta a situacionalidade da produção discursiva de acordo com cada meio social, contemplando "(...) atitudes e de representações que não são nem "individuais" nem "universais", mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras." (Harouche et al., 1971, p.102 apud Brandão, 2012, p.47). De outro, as F.D.s determinam "o que pode e deve ser dito" (Orlandi, 2001, p.43) em determinada situação comunicativa, que coloca em jogo os sujeitos e as formas pelas quais articulam a língua transformando-a em discurso.

Mas, para além dos "ditos", repousam outros tantos "não ditos" que também são elementos significantes na análise. Os esquecimentos, de ordem intencional ou despreziosa, são fundamentais, sobretudo quando escolhemos tratar de discursos jornalísticos, como é o caso deste artigo, que se apresenta como resultado de um processo complexo de decisões coletivas e mercadológicas oriundas da produção jornalística. Neste âmbito, prevalecem interesses maiores, que transformam acontecimentos em notícias com base em critérios pré-estabelecidos, centrados no papel desempenhado por sujeitos.

São eles os responsáveis por "(...) recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação ao outro, porque disso depende a própria existência (...) todo discurso, antes de representar o mundo, (...) representa o mundo ao representar uma relação" (Charaudeau, 2019, p.42). Mais do que dizer o que deve ser abordado, revelam-se escolhas de como estes devem ser abordados, de forma a cumprir com os interesses maiores. E é sobre estas escolhas que aqui visamos refletir, sobretudo no que tange às representações construídas sobre Rayssa Leal, jovem skatista brasileira.

Apenas Rayssa Leal: entre a celebridade e a humanização de ídolos esportivos nas páginas do portal Globo.com

A presença de Rayssa Leal na mídia é recorrente nos últimos anos, sobretudo a partir do anúncio de que o skate, juntamente a basebol/softbol, escalada, surfe e karatê, entrariam no rol de modalidades olímpicas em Tóquio (2020). A justificativa do Comitê Olímpico Internacional (COI), que versava sobre a necessidade de renovação do público espectador a partir do investimento em esportes radicais, também era reforçada pela situação japonesa na modalidade, consagrada referência contemporânea de talentos esportivos.

Para o Brasil, a inclusão também foi benéfica. Com atletas de carreiras reconhecidas no universo competitivo do skate, o país é considerado referência da prática. As disputas olímpicas de Tóquio somaram três pratas ao quadro de medalhas brasileiro, consagrando Rayssa Leal como a mais jovem medalhista olímpica brasileira da história, bem como componente do também mais jovem pódio olímpico desde o advento de sua edição moderna, em 1896.

Figura 1. Matéria publicada em 15/08/21, 20 dias após a conquista da prata olímpica



Fonte: Globo.com

A primeira matéria publicada em 15 de agosto de 2021, intitulada “Rayssa Leal confessa que preferia não ser chamada de Fadinha” (Figura 1), é fruto do recorte da participação da medalhista no programa *Altas Horas*, e não contém autoria. A publicação é feita exatos vinte dias após a conquista da prata inédita em Tóquio, ocorrida em 26 de julho daquele ano, evento que inscreveu a até então “Fadinha do skate” no Olimpo. Utilizando como base a entrevista concedida ao âncora do programa, Serginho Groisman, a matéria mescla temáticas pessoais, com destaque para a juventude da atleta, aos acontecimentos preparatórios e competitivos nos primeiros Jogos Olímpicos do skate.

Na manchete, a atribuição de voz à atleta é feita por meio de discurso indireto e a escolha pelo verbo dicendi “confessar” chama a atenção. Historicamente associado à religiosidade, envolvendo absolvição de pecados, a escolha atravessa a temática que sustenta a matéria, o seu inevitável crescimento. A escolha ali posta, da ordem do interdiscurso, parece presumir uma possível culpa por parte da atleta, que nega o apelido carinhoso que construiu a relação entre ela e a sua audiência, demarcando uma nova etapa, a entrada para a adolescência. No decorrer da matéria, o apelido de infância dá lugar à glória alcançada pela conversão em “medalhista olímpica”, evidenciando um jogo de representações: de um lado, a “mágica” remontava uma Rayssa infantilizada, de outro, propunha-se que a “fada” era sustento do imaginário que envolvia sua trajetória profissional.

O valor eufórico da narrativa é evidente nos adjetivos postos, como em “a brasileira medalhista olímpica mais jovem” ou ainda em “pequena gigante”. Este último traz uma visão peculiar: opunha-se a pequena e jovem e a “gigante” conquista, que marcaria a história das Olimpíadas. Na ordem do “não dito”, outra grandeza: as representatividades de gênero e juventude. Nesta construção, Rayssa é colocada como “inspiração”, não apenas enquanto mulher, mas para toda uma coletividade que, inevitavelmente, passa a acompanhá-la nas lentes da mídia, sobretudo após o sucesso olímpico.

No âmbito da humanização, sentimentos como "saudade" se misturam ao heroísmo teorizado por Campbell (2007), com a divisão da vitória com os "comuns". Recorrente na construção de ídolos esportivos, a relação construída de partilha de conquista no universo esportivo, segundo Ronaldo Helal e Fausto Amaro (2014, p.25), se coloca como provável resultado do aspecto agonístico de disputa e representatividade, com dimensões ampliadas pelos megaeventos esportivos, uma vez que "a conquista do atleta-herói é inexoravelmente compartilhada com a nação ou equipe que ele representa."

O uso de "saudade" e "sentir falta" é outro não-dito discursivo, e demarca um momento peculiar. 2021 é marcado pela pandemia de covid-19, razão do adiamento dos Jogos de Tóquio, fato que também retirou a "humana" Rayssa do convívio dos colegas no ambiente escolar. A delegação de voz em "fazia mais de seis meses que eu não via eles pessoalmente. E agora tô podendo ver de novo, voltar a ver meus professores, poder fazer minhas aulas, que eu tava com saudade" é marca deste momento histórico.

Se, por um lado, a rotina da escola revela o cotidiano da adolescente Rayssa, de outro, a conquista da medalha olímpica inédita revela sua importância, mesmo diante da pouca idade, reforçando o valor atribuído de "pequena gigante". Ali, a adolescente assume posicionamento de referência esportiva, entendendo que, embora a conquista venha do mérito da performance, esta metonimiza toda uma coletividade, com quem faz questão de compartilhar o feito, descrito em "Eu tinha falado que eu iria levar para eles verem de perto uma medalha. O pessoal ficou muito chocado. (...) Eles começaram a gritar, bater palma."

O ponto final do processo de humanização explorado na narrativa da matéria analisada se apresenta na forma de um skate responsável por "abrir portas". Para além da narrativa eufórica que coloca a atleta como referência na luta por igualdade de gênero e representatividade, a mesma também revela uma Rayssa que parece "diminuta" frente a outros que já trilharam este caminho. A lembrança de nomes como os dos pioneiros do skate Bob Burnquist e Tony Hawk, marcando as referências máximas dos carrinhos, bem como a de brasileiros como Kelvin Hoefler e Letícia Bufoni demarcam nas entrelinhas, a proposta de um skate competitivo já sólido e próspero.

Figura 2. Matéria do UOL publicada em 28/07/24, dia da conquista da medalha de bronze em Paris



Fonte: UOL

Por fim, temos "Tchau, Fadinha. Oi, Rayssa", de autoria de Thiago Arantes no portal Uol, publicada em 28 de julho de 2024, mesma data do bronze olímpico em Paris (Figura 2). Considerada favorita, diante do retrospecto competitivo entre os anos de 2021 e 2024, Rayssa escrevia, naquele momento, seu nome na história do esporte, conquistando duas medalhas consecutivas, aos treze e dezesseis anos respectivamente, superando a prata de Poynton-Hill, dos Estados Unidos, na edição de Amsterdã (1928) e ouro em Los Angeles (1932), quando tinha 17 anos e 26 dias.

A partir disto, a narrativa reflete sobre o processo de amadurecimento, profissional e pessoal, vivenciado por Rayssa entre as edições de Tóquio (2021) e Paris (2024). O argumento central é de um crescimento midiático, que se configura como "inevitável" e "doído", colocado frente a frente ao feito inédito de sagrar-se a mais jovem atleta na história a conquistar duas medalhas olímpicas em edições consecutivas². O jogo discursivo é construído em torno de uma suposta existência de "dois mundos de Rayssa", utilizando-se de antíteses.

Aqui, o argumento do "rito de passagem" é ressignificado daquele conhecido das sociedades tradicionais (Groppo, 2017), estando condicionado ao ato de subir ao pódio em edições consecutivas (Tóquio (2021) – Paris (2024)), que abre espaço para que o público se despeça da "Fadinha", abrindo espaço para a "Rayssa". De um lado, reforça-se euforicamente a Fadinha – "a figura infantil" –, enquanto de outro, Rayssa – "Aos 16 anos" – é posta em território de preocupação. Em linhas gerais, evidencia-se a dureza deste momento de transição, exacerbados pela relação construída entre Rayssa, a mídia e seus espectadores e, para além disso, a expectativa posta sobre ela diante do retrospecto competitivo do ciclo olímpico encurtado (2021-2024).

Ali, a criança, "amparada pelas colegas – e campeãs mundiais" se tornou aquela que "carregava o peso do favoritismo". O uso do verbo amparar, sinônimo de proteger e resguardar, parece suavizar uma possível falha que ali poderia acontecer – considerando a pouca idade e a grandiosidade da competição. Diante de figuras tão importantes no universo esportivo do skate feminino – Pâmela Rosa e Letícia Bufoni –, que sequer se classificaram para a final, o fato de uma menina de 13 anos subir ao pódio foi uma "surpresa agradável".

Três anos depois, a "Rayssa de Paris" é cercada de construções discursivas disfóricas se comparadas à versão anterior. A Rayssa que emanava "imagem da leveza" e "ganhava o país com seu sorriso" se tornando "surpresa agradável" em Tóquio deu espaço a uma atleta de "expressão tensa" e que "carregava o peso do favoritismo". A cena mais uma vez se repetia. Letícia não foi à capital francesa – desta vez a vaga ficara para Gabi Mazetto – e Pâmela Rosa, que se contundira nas competições japonesas, também não a acompanhara na disputa final.

Munida mais uma vez da responsabilidade de representar seu país em um evento de tamanha dimensão, desacompanhada de suas compatriotas, Rayssa Leal se reconfigurara para a conquista do bronze que "só veio na última manobra". No decorrer da narrativa, Rayssa passa por um processo de humanização discursiva, sendo apresentada como alguém que sofre as transformações, estando elas relacionadas ao próprio corpo, às emoções ou, profissionalmente, à cor da medalha, que não era a pretendida, como fica evidente em "Uma medalha de cor diferente para uma pessoa que já não é a mesma de três anos atrás".

2 Informação disponível em <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/28/rayssa-leal-se-torna-a-mais-nova-a-conquistar-medalhas-em-olimpiadas-diferentes.ghtml> acessado em 23 de outubro de 2024

Na ordem dos subentendidos fica o "favoritismo", só compreensível quando se conhece o retrospecto competitivo de Rayssa. As vitórias consecutivas da Street League Skateboarding (SLS), em 2022 e 2023, bem como outros dois campeonatos mundiais da World Skate – em Sharjah (2022) e Tóquio (2023) ocupam espaço na prateleira de conquistas e reafirmam a expectativa pelo ouro em Paris. Em linhas gerais, apresenta-se uma Rayssa que não é mais a mesma, e que, amadurecida, enfrenta os desafios emocionais típicos do período formativo da adolescência, mas que não tem aval para errar ou sentir dado o peso da cobrança, como destacado pela própria atleta.

Na real, mudou tudo. Só no primeiro ano eu cresci 10 centímetros. Eu entendi qual é o peso da Olimpíada. A gente veio aqui com outro foco, outra mentalidade, outro objetivo. Todo mundo queria se divertir, mas também queria a medalha de ouro, e eu não era diferente. Por isso a gente acaba se cobrando um pouco mais, por entender o que a Olimpíada é.

Ali se colocava o entendimento destes "dois mundos de Rayssa Leal" sustentados na narrativa jornalística construída. Interdiscursivamente, a brincadeira que dá lugar à responsabilidade marca este novo momento da atleta multicampeã. O avanço etário e as transformações corporais ficam em segundo plano diante do entendimento da responsabilidade carregada e da relevância do evento em questão, trazendo à cena valores como "cobrança", "responsabilidade" e "dramaticidade", tão comuns na adolescência, mas naquela situação exacerbados pelo papel desempenhado por Rayssa, representante brasileira e favorita ao título olímpico.

Fatos como "por entender o que a Olimpíada é", a mudança de mentalidade e objetivo em Paris ou, ainda, a noção de que, mesmo diante de adversidades enfrentadas em Paris, era preciso buscar "o pódio certo" eram marcas de uma Rayssa que crescia, muito além dos "10 centímetros" no primeiro ano. E é nesta perspectiva que Thiago Arantes recorre à arquitetura parisiense. Localizado entre o Arco do Triunfo – local de exaltação de conquistas históricas francesas – e o Museu do Louvre – consagrado maior museu de arte do mundo – a Place de La Concorde se transformou em uma arena de embates múltiplos – contra as adversárias e contra a própria Rayssa.

A inevitável transformação da "Fadinha" em "Rayssa Leal" como é destacada pela postura "mais agressiva", reforçando os valores de responsabilidade e competitividade ressaltados na narrativa. E, neste caso, o processo de humanização de uma "favorita" foi essencial para o reforço do argumento narrativo: ali, se colocava frente a frente as múltiplas faces de Rayssa, tão características da adolescência que vivenciava.

Por fim, a construção de uma skatista multicampeã, ídolo esportivo em uma modalidade nativa marginalizada e, sobretudo, referência para além do universo esportivo é resgatada frente à tentativa de humanização de sua imagem. A fama, resultado do crescimento midiático vivido pela atleta ao longo dos quase dez anos de carreira, é evidenciado em "eu cresci com isso. Me adaptei muito fácil", evidenciando que o fato de se tornar referência a toda uma juventude exige dela, ainda que diante da pouca idade, "sonhar e dar o seu melhor".

Considerações finais

Muitos são os caminhos percorridos ao longo deste artigo que nos levaram a compreender como as narrativas jornalísticas atuam no processo de construção de referências, aqui evidenciando o universo esportivo. Jovem, mulher, nordestina e referência em uma modalidade historicamente demarcada pelo desvio, estigmas e por elementos contraculturais, Rayssa Leal alça um novo patamar de visibilidade que, por vezes, parece ocultar os traços de uma adolescente em pleno desenvolvimento.

É impossível destacar o processo de visibilidade midiática atribuída à Rayssa Leal nos últimos anos sem colocar os holofotes para o contexto em que se insere tal momento. Apesar de vivenciarmos o avançar de sua idade diante das câmeras, em um processo de midiaticização do crescimento, a popularidade midiática de Rayssa aqui traz à cena ao menos três fatores: a escolha do Comitê Olímpico Internacional (COI) em incluir esportes de risco e aventura como modalidades olímpicas, dentre elas o skate; o fato do Brasil possuir, historicamente, referência no universo dos carrinhos que contribuíram para a caminhada histórica da modalidade desde os anos 1960 e, talvez o que aqui nos interessa mais, o fato de Rayssa Leal ser apresentada na mídia aos sete anos, e, coincidentemente, vivenciar um momento profissional ímpar desde o ano de 2016, momento em que a modalidade foi anunciada para estreia em Tóquio (2020).

No decorrer do processo analítico do corpus aqui escolhido, saltaram aos olhos as escolhas discursivas que tendiam ao processo de humanização da skatista maranhense, sobretudo entendendo o processo de transição para a adolescência que ocorria simultaneamente ao primeiro ciclo olímpico que rendeu a prata olímpica inédita de sua carreira, a consagrando como a mais jovem medalhista olímpica da história brasileira e o bronze, que a tornou a mais jovem atleta a conquistar medalhas em edições consecutivas de Jogos Olímpicos. Em ambos os textos analisados, chamou nossa atenção a predominância de um discurso *com* Rayssa e não *sobre* a atleta, como comumente acontece, principalmente utilizando o recurso de atribuição de voz.

Além disso, a matéria publicada no portal UOL é de fundamental importância ao evidenciar o momento de transição vivenciado pela própria atleta. Neste caso, o fundamento discursivo de atribuição de voz é apenas um reforço a uma história narrada em terceira pessoa que emerge o leitor na cena da disputa na Cidade Luz. O que se coloca frente aos holofotes é o processo de (re)construção da atleta e sua capacidade de lidar com os imprevistos que colocavam naquela situação. Se, por um lado, na edição de Tóquio Rayssa se apresentava como uma surpresa, repleta de construções discursivas eufóricas relacionadas à sua performance, em Paris o que se evidencia é uma Rayssa que “faz mágica” frente as adversidades, consciente daquilo que representa, no esporte e no coletivo brasileiro.

Por fim, estas construções discursivas postas no material analisado apresentam, ainda, um constante jogo discursivo que coloca frente a frente uma Rayssa ídolo esportivo, cuja fama atribuída e o carisma garantem a manutenção de sua presença no ambiente midiático, e, de outro, uma adolescente em construção. Em um jogo de construções discursivas essencialmente eufóricas, Rayssa é posta como referência para uma coletividade, sagrada “pequena” em idade e estatura, mas “gigante” por seus feitos no universo esportivo. E esta pequenez, e a necessidade de (re)configuração de sua imagem é posta pela própria atleta, em que o tempo, para ela, é majoritariamente construído como implacável e algoz de uma suposta normalidade na rotina, algo almejado por Rayssa.

Referências

- ANDERSON, Kristin L. **Snowboarding**: The construction of gender in an emerging sport. *Journal of sport and social issues*, v. 23, n. 1, p. 55-79, 1999.
- ARANTES, Thiago. **Tchau, Fadinha. Oi, Rayssa**. Uol, São Paulo, 28 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/rayssa-leal-traz-mais-uma-medalha-olimpica-para-o-brasil/#page1>. Acesso em 25 de outubro de 2024.
- BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos In. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p.107-121
- BRAGA, José Luiz. Instituições e Mídiação: um olhar comunicacional. In: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a mídiação. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 291-314.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Editora da Unicamp. 2012.
- BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os movimentos iniciais da prática do skate no Brasil In: **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. [org. Leonardo Brandão e Tony Honorato]. Londrina: UEL, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2019.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, v. 5, 1997.
- FINLEY, Nancy J. Skating femininity: Gender maneuvering in women's roller derby. **Journal of Contemporary Ethnography** v. 39, n. 4, p. 359-87, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise. Celebidades no século XXI. **Transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina**, 2014.
- HEINICH, Nathalie. De la visibilité. Excellence et singularité en régime médiatique. Paris: Gallimard, 2012.
- HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. O esporte e seus heróis: a narrativa jornalística sobre os medalhistas brasileiros nas Olimpíadas de 2012. **Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 14, n. 28, 2014.
- LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade**. Editora José Olympio, 2018.
- MARTINO, Luiz Mauro Sá. Mídiação da política, entretenimento e cultura pop: dimensões conceituais e práticas. **InMediações**, v. 14, p. 145-164, 2019. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-la-comunicacion/article/view/2918>. Acesso em 18 ago. 2024.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 5, p. 5-15, mai./ago.1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas- SP: Pontes, 2012.
- Rayssa Leal confessa que preferia não ser chamada de Fadinha**. GSHOW. 15 de ago.de 2021. Disponível em <https://gshow.globo.com/tv/altas-horas/noticia/rayssa-leal-confessa-que-preferia-nao-ser-chamada-de-fadinha.ghtml> acesso em 10 de março de 2025.
- ROJEK, Chris. **Celebridade**. São Paulo: Rocco, 2008.
- SIMÕES, Paula Guimarães. O poder de afetação das celebridades. FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise. Celebidades no século XXI. **Transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.209-225.
- TORRES, Eduardo Cintra. Economia e carisma da indústria cultural da celebridade. In. FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise. Celebidades no século XXI. **Transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p.71-94.